

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas

Marta Ramos da Silva

ARTE EM GRAVURA: UM TESOURO A DESCOBRIR NA SALA DE AULA

Lagoa Santa
2020

Marta Ramos da Silva

Marta Ramos da Silva

ARTE EM GRAVURA: UM TESOURO A DESCOBRIR NA SALA DE AULA

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Orientador(a):Melissa Etelvina Oliveira
Rocha

Marta Ramos da Silva

2020

ATA DA DEFESA DO TRABALHO FINAL DE **MARTA RAMOS DA SILVA**
Nº. DE REGISTRO: **2017766830**

Às onze horas do dia primeiro de março de dois mil e vinte, reuniu-se no Ateliê 4, da Escola de Belas Artes – EBA/ UFMG, a Banca Examinadora, indicada pela Coordenadora do CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS E TECNOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS - CEEAV, do Programa de Pós Graduação em Artes – PPG Artes, da Escola de Belas Artes – EBA/ UFMG, para julgar o trabalho final intitulado “**ARTE EM GRAVURA: UM TESOURO A DESCOBRIR NA SALA DE AULA**”, requisito parcial para a obtenção do Grau de ESPECIALISTA EM ENSINO DE ARTES VISUAIS.

Abrindo a sessão, a Orientadora Profa. Melissa Etelvina Oliveira Rocha após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final passou à palavra à aluna, para a apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pela Banca Examinadora, com a respectiva defesa da aluna. Logo após, a Banca Examinadora se reuniu, sem a presença da aluna e do público, para julgamento e expedição do resultado final.

A Banca Examinadora foi constituída por:

Profa. Melissa Etelvina Oliveira Rocha – Orientadora/EBA	Conceito: C	Nota: 70
Prof. João Henrique Ribeiro Barbosa – Membro Titular da Banca Examinadora	Conceito: C	Nota: 70

Pelas indicações a aluna foi considerada: **APROVADA**
Conceito Final: **C** Nota: **70**

O Conceito final foi comunicado publicamente à aluna pela Banca Examinadora.

Nada mais havendo a tratar a Orientadora Profa. Melissa Etelvina Oliveira Rocha encerrou e lavrou a presente ATA, que será assinada pelo Membro da Banca Examinadora e pela Profa. Patrícia de Paula Pereira, Coordenadora do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV/ PPG Artes/ EBA/ UFMG. Belo Horizonte primeiro de março de dois mil e vinte.

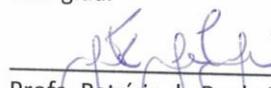


Profa. Melissa Etelvina Oliveira Rocha – Orientadora/ Doutora/ CEEAV/EBA/UFMG



Prof. João Henrique Ribeiro Barbosa – Membro Titular da Banca Examinadora/ Mestre/ CEEAV/EBA/UFMG

A presente monografia necessita de correções: Sim () Não (). Caso positivo anexar folha de ressalvas.
A Coordenação CEEAV comunica que o aluna terá até 90 (noventa) dias para apresentar a monografia corrigida.



Profa. Patrícia de Paula Pereira
Coordenadora do Curso de Especialização em Ensino de
Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV
Programa de Pós Graduação em Artes – PPG Artes
Escola de Belas Artes – EBA/ UFMG

Prof. Patrícia de Paula Pereira
Coordenadora do Curso de Especialização em Ensino
de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas - CEEAV
Programa de Pós-Graduação em Artes - PPG Artes
Escola de Belas Artes - EBA/UFMG

“Se você tem uma laranja e troca com outra pessoa que também tem uma laranja, cada um fica com uma laranja. Mas se você tem uma ideia e troca com outra pessoa que também tem uma ideia, cada um fica com duas” (Confúcio).

AGRADECIMENTOS

A palavra gratidão tem origem no termo do latim gratus, gratia, que significa graça. Sentir-se grato também é associado a um estado de espírito e não se refere somente a este ou aquele acontecimento. Por isso, agradeço primeiramente a Deus por mais esta oportunidade de formação na qual foi por mim muito almejada. Aos meus filhos pela paciência.

Aos professores que sempre estiveram dispostos a contribuir pelo meu aprendizado em especial a orientadora Melissa Etelvina pela sua benevolência.

Aos meus amigos que contribuíram direta e os que participaram indiretamente da minha formação, o meu muito obrigada.

RESUMO

O presente trabalho visa relatar a experiência da prática do ensino de Arte na sala de aula com os alunos do 4º ano do ensino fundamental, cujo objetivo é conhecer o processo com o recurso de imagens no ensino de Arte, por meio de linguagem visual - fotografias e desenhos. As atividades foram desenvolvidas por etapas no intuito que os alunos pudessem entender o processo artístico. Dessa forma, desenvolveram competências e habilidades relacionadas à Arte, à História, aos recursos tecnológicos e à leitura. A metodologia esteve atrelada à pesquisa bibliográfica, a ser desenvolvida nas etapas de observação, criação, reflexão e apreciação, o que permitiu verificar as aprendizagens. Os resultados evidenciaram que os alunos se envolveram nas atividades propostas, trabalharam cooperando com o grupo e conseguiram manter o foco em todo o processo. As estratégias de ensino-aprendizagens permitiram manter uma dinâmica durante as aulas e o conhecimento sobre gravura no contexto escolar.

Palavras-chave: Arte. Gravura. Ensino-aprendizagem.

ABSTRACT

The present Work aims to report the experience of art teaching practice in the classroom with the students of the 4th year of elementary school, whose objective is to know the process with the use of images in art teaching, through visual language-photographs and drawings. The activities were developed in stages in order that students could understand the artistic process. Thus, they developed skills and ability related to art, history, technological resources and reading. The methodology was linked to bibliographic research, when it was developed in the stages of observation, creation, reflection and appreciation, which allowed verifying the learning. The results showed that the students were involved in the proposed activities, worked cooperating with the group and managed to maintain focus throughout the process. Teaching-learning strategies have made it possible to maintain a dynamic during classes and knowledge about engraving in the school context.

Keywords: Art, Engraving. Teaching-learning.

Lista de Figuras

Figura 1: Oficina de monotipia – Matriz	16
Figura 1: Oficina de monotipia - xilogravura	16
Figura 3: Lasar Segall, <i>Cabeça de nego</i> (1929), xilogravura	17
Figura 4: Lagar Segall, <i>Viúva e Filho</i> (1918), xilogravura,8x7cm	18
Figura 5: imagem digital original desfocada	23
Figura 6: Filtro digital – percepção das linhas e luz no desenho	24
Figura 7: Desenho do Aluno A – menor percepção de sombra, fundo, sombra.....	24
Figura 2: Momento de concentração	25
Figura 3: Imagem digital original desfocada	26
Figura10: Filtro digital – Percepção de traços, linha, fundo, luz e sombra	27
Figura 11: Maior percepção do desenho: traços, linha, proporção, sombra e luz.....	27
Figura 12: Moldura de material de PVC	28
Figura 13: Painel da exposição	29

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
2.1 A gravura como interferência artística	13
3. CAPÍTULO 2- APRECIÇÃO DAS OBRAS DE LAGAR SAGALL	16
3.1 Estímulos levam os alunos a percepção através da descrição do que se vê nas figuras.....	17
4. METODOLOGIA	20
4.1 Oficinas de monotipia com recurso digital.....	20
4.1.1 Etapas do trabalho	21
5. CONCLUSÃO	29
6. REFERÊNCIAS.....	31
7. ANEXO.....	32

1. INTRODUÇÃO

Sou professora das séries iniciais, trabalhei com 11 adolescentes na região norte de Belo Horizonte onde muitos desses alunos viviam em situações vulneráveis. Os projetos desenvolvidos juntamente com eles, no campo da arte, do esporte e outros, iam cada vez mais trazendo resultados além do das nossas expectativas de forma positiva, tanto na aprendizagem como no aspecto social. Surgiu assim, o desejo e a necessidade de estudar mais sobre Arte. O tema deste relato se delimita em “Arte em gravura: um tesouro a descobrir na sala de aula”, trazendo a palavra “tesouro” com o sentido de dar o real valor para o ensino de Arte na escola. A presente proposta pedagógica foi pensada a partir do curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

De acordo com a BNCC, Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), dentro das habilidades propostas em Artes Visuais, o aluno deverá identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético. Dessa forma, criar um universo de convivência dos seres humanos deve gerar a necessidade de uma educação de qualidade numa perspectiva interdisciplinar e saber distinguir sentimentos, sensações, ideias e qualidades. Rey (2002) ressalta a importância do processo da prática investigativa. Além da BNCC, este trabalho também se fundamenta nas ideias que reforçam a leitura da imagem. Maduro e Pimentel (2008), trazem a definição de gravura como a Arte que transforma e tal aprendizagem vem favorecer compreensões mais amplas para que o aluno desenvolva sua sensibilidade. Lorrosa (2002) relaciona o ensino de Arte num sentido de “provocar e ao mesmo tempo sentir provocado pela aquisição de ensinar e aprender” (2002, p.26).

Os objetivos desta proposta são: abordar a experiência vivenciada com o recurso de imagens no ensino de Arte, por meio de linguagem visual - fotografias e desenhos, e também relacionar a imagem ao uso de tecnologias para a reprodução, além de estimular a concentração e a atenção dos alunos para as atividades.

Assim sendo, a ação desta proposta consistiu no seguinte referencial teórico: a gravura como interferência na sala de aula; a análise a obra de Segall (1921), com estímulos que levam à percepção através da descrição de imagens e a ação metodológica.

As etapas metodológicas deste relato se dividiram em quatro etapas: observação, (familiarizar os alunos), criação (momento de produção), reflexão (desenvolvimento do pensamento crítico) e apreciação (momento deleite). É inerente despertar o aluno para a ação educativa e esta relação do professor /aluno possibilita a dinâmica da aprendizagem. Para Freire,

Antes de qualquer tentativa de discussão de técnicas, de materiais, de métodos para uma aula dinâmica assim, é preciso, indispensável mesmo, que o professor se ache “repousado” no saber de que a pedra fundamental é a curiosidade do ser humano. É ela que me faz perguntar, conhecer, atuar, mais perguntar, re-conhecer (FREIRE, 2007, p. 86).

Espera-se que este trabalho venha colaborar cada vez mais na proposta pedagógica do ensino de Artes Visuais na sala de aula como ferramenta de expressão, emoção, por meio de estímulos visuais para o desenvolvimento individual e grupal, da percepção, da imaginação, da memória, da sensibilidade e da reflexão, observando o próprio percurso de criação e suas conexões uns com os outros.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Nas diversas formas de entender o que é Arte e de como se ensina e se aprende Arte na escola, temos o consenso de que a Arte é uma maneira de ler e apreender os acontecimentos do mundo, além de envolver, surpreender e emocionar. Mas afinal, o que são as Artes Visuais? Conforme a BNCC,

As Artes visuais são os processos e produtos artísticos e culturais, nos diversos tempos históricos e contextos sociais, que têm a expressão visual como elemento de comunicação. Essas manifestações resultam de explorações plurais e transformações de materiais, de recursos tecnológicos e de apropriações da cultura cotidiana (BRASIL, 2017, p.195).

A BNCC amplia o leque das ferramentas para o desenvolvimento do trabalho na sala de aula vinculado às dimensões do conhecimento de forma flexível e que se entrelaça com processos de experimentação únicos. Conforme Rey afirma, a “abertura de margens para cruzamentos e hibridismos tanto de conhecimentos quanto de procedimentos, tecnologias, matérias, materiais e objetos, algumas vezes, inusitados” (REY, 2002, p. 123). A importância do processo da prática investigativa (ler) e como o modo de produção (fazer) no desenvolvimento da metodologia que se norteia através da imaginação e a cognição do ensino-aprendizagem em arte.

Assim como acontece com o resultado do trabalho em Arte, os trabalhos dos alunos também não são iguais; considerando isso, também buscamos respaldo na abordagem triangular de Ana Mae Barbosa(1991), que sugere que, para que os alunos possam construir saberes em Arte no contexto contemporâneo, é preciso que a escola promova atividades de produção artística, de leitura do campo de sentido ou da obra de arte e de contextualização sobre o que fazemos e vemos em arte e no campo visual, mediante a tríplice: ler, fazer e contextualizar.

A proposta deste trabalho é abordar a experiência vivenciada com o recurso de imagens no ensino de Artes, por meio de linguagem visual - fotografias e

desenhos, e também analisar a relação da imagem ao uso de tecnologias para a reprodução, além de estimular a concentração e a atenção dos alunos nas atividades práticas. Conforme supracitado por Rey (2002, p. 123), “tecnologias, matérias, materiais e objetos, algumas vezes, inusitados” nos remete à ideia de inovar a prática de ensino no cotidiano escolar no enfrentamento das diversidades que nos é posto.

Um dos desafios nos aspectos da aprendizagem é a dificuldade dos alunos manterem a atenção nas atividades curriculares. As Artes Visuais vêm de encontro a essa demanda como suporte relevante também para o desenvolvimento da motricidade fina. Nesse sentido, Jean Piaget (1975), em seu livro *A formação do símbolo na criança*, afirma que o exercício da abstração é fundamental para o desenvolvimento cognitivo. A expressão visual vem confrontar o mundo interior (subjetivo) e o mundo exterior (real), logo, a expressão visual é essencial nesse aspecto.

Ao fazer arte ou apreciar algumas produções artísticas, vemos o real através do subjetivo, ou seja, nos vemos refletindo sobre a vida, sobre o nosso lugar no mundo e o ambiente que nos cercam. Apreciar e fazer arte nos leva também à prática e, com ela, à experiência. Nesse contexto, faz valer o ensinar-aprender.

Para o momento da criação, os artistas que fazem as suas produções por meio das Artes Visuais, tendo como a base em seus trabalhos linhas, formas, cores, superfícies, espaços. A partir dessas técnicas surgem várias obras. Pensando nisso, tomamos como foco a gravura para a realização deste estudo.

2.1 A gravura como interferência artística na sala de aula

Para situarmos esse contexto da gravura na reprodução da imagem esclarecido por Maduro e Pimentel (2008) ao afirmar que a gravura é a arte de transformar a superfície plana de um material duro ou, às vezes, dotado de alguma plasticidade, num condutor de imagem, isto é, na matriz de uma forma criada para ser reproduzido certo número de vezes. Um meio expressivo que envolve matriz, gravação e impressão.

A técnica mais antiga de gravura é a xilogravura, que foi inventada como método de impressão sobre o tecido. Gravura é uma técnica artística que permite que um mesmo desenho seja reproduzido várias vezes. O desenho, ou figura, é feito em uma matriz e logo é reproduzido.

Na gravura, há processos em que há a incisão e tem aqueles em que não há, mas que conservam a característica de haver uma matriz e de ser feito o transporte da imagem, podendo ou não haver a inversão, como é o caso da serigrafia e da litografia. Exemplos: madeira (xilogravura), metal (gravura em metal), pedra (litografia), linóleo (linoleogravura), seda ou nylon (serigrafia).

A intenção é multiplicação de um original, a partir de uma matriz geradora. Com isso, rompe o costume de valor da peça única. O valor de uma obra aumenta ou diminui pelo fato de estar limitada a uma edição e, então, um possuidor privilegiado é quando há uma popularização deste material em questão.

A gravura tem papel importante na construção de conhecimento da nossa civilização, tanto pela circulação da informação visual quanto pela difusão de novos paradigmas estéticos. A gravura de criação mostra-se, cada vez mais, como uma alternativa expressiva de grande importância no cenário das artes visuais. Segundo Panek (1998),

A técnica e a linguagem precisam acompanhar os tempos, as transformações, as necessidades, os questionamentos contemporâneos. Uma obra é aceita pelo seu valor artístico e não por sua técnica. Caso contrário torna-se maneirismo e não arte.

A leitura das imagens estimula o senso criativo dos alunos e os questionamentos desenvolvem, tão somente aprendizagem como também o senso crítico dos alunos.

Durante as aulas e oficina de Monotipia, na UFMG, foi possível perceber que o monotipo realizado se diferenciava das outras técnicas de xilogravura por apresentar mais simplicidade para que os alunos pudessem executar, pois este tipo de técnica que é feita por desenho liso ou pintura sobre uma superfície lisa,

com ausência de vincos na matriz, com uso de lápis e papel, facilita o manuseio dos alunos para o processo da monotipia.

Figura 4: Oficina de monotipia - Matriz



Fonte: Fotografia da autora (2018).

Figura 5: Oficina de monotipia - Xilogravura



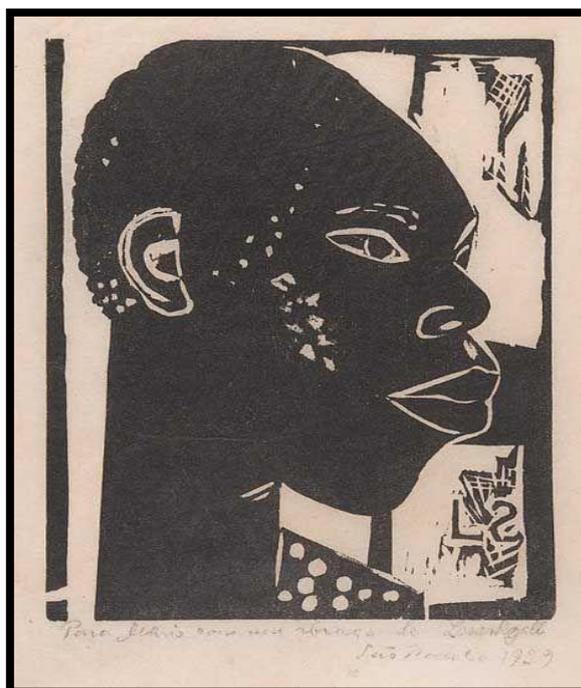
Fonte: Fotografia da autora (2018).

Para Larrosa (2002, p.26), “é experiência aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar na forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação”. Pressupõe que as palavras “sujeito” e “experiência” hajam uma relação entre teoria e prática no ensino de Arte, baseado nisto, foi possível desenvolver a produção artística com os alunos.

3. APRECIÇÃO DAS OBRAS DE LAGAR SAGALL

Lagar Sagall nasceu em 1889, na Lituânia, um pintor, escultor e gravurista judeu. Suas produções retratam o sofrimento humano, a guerra, a prostituição e a perseguição no entre 1913 e 1930. Suas obras expressam contrastes relevantes entre o preto e o branco, apresentando formas chapadas. O tema central de suas gravuras é a emigração, com linhas sinuosas para retratar o mar, as gaivotas as curvas dos navios. Com intuito de expressar o sofrimento pelas lembranças da guerra, Segall dialoga as suas obras.

Figura 6: Lasar Segall, *Cabeça de negro* (1929), xilogravura



Fonte: <http://www.museudeartemurilomendes.com.br/noticias/a-gravura-de-lasar-segall-figura-humana-e-tema-central-de-exposicao/>- (2019).

Figura 7: Lasar Segall, *Viúva e filho* (1918), xilogravura, 8x7cm.



Fonte: https://www.ebiografia.com/lasar_segall/ - (2019)

A gama cromática alude à pobreza, dando lugar a linhas mais arredondadas e a figuras que apresentam uma deformação expressiva com cabeça e olhos enormes. Dessa forma, foi possível aguçar a curiosidade dos alunos, mediante as imagens apresentadas através de cópias de imagem, para que fosse possível iniciar o processo de diálogo sobre as obras artísticas de Lasar Segall.

3.1 Estímulos levam os alunos a percepção através da descrição do que se vê nas figuras

Ao analisarmos a obra de Segall, não poderíamos abrir mão das outras disciplinas ao analisar o contexto histórico e social, da leitura, proporção da figura, as formas geométricas da figura humana. Barbosa (2008), reforça a leitura da imagem no exercício de ver a obra, descrevendo-a e, dessa forma, gerando significados. Nesse sentido, estimular a arte integrada às outras áreas do conhecimento dá ao aluno uma melhor forma de ver o mundo, conforme afirma Barbosa:

Demonstra o quanto se pode entender o mundo, entendendo uma obra de arte do ponto de vista da relação entre os elementos visuais como linha, forma, claro-escuro, cor, unidade, repetição, equilíbrio, proporção, e do ponto de vista das características de construção com predominâncias diversas como agudeza, ordenação, emoção, fantasia, e também tendo em vista comportamentos apreciativos como empatia, distanciamento ou fusão com a obra de arte (BARBOSA, 2008, p. 44).

Para estimular a nossa produção artística, viemos explorar outros elementos que muitas vezes remetem medo aos professores no contexto do ensino na sala de aula e que, mediante o acesso deste aparelho no cotidiano, os alunos mais do que ninguém podem explorar e apropriar destes recursos durante o processo de criação. Conforme a BNCC (2017),

As Artes visuais são os processos e produtos artísticos e culturais, nos diversos tempos históricos e contextos sociais, que têm a expressão visual como elemento de comunicação. Essas manifestações resultam de explorações plurais e transformações de materiais, de recursos tecnológicos e de apropriações da cultura cotidiana. As Artes visuais possibilitam aos alunos explorar múltiplas culturas visuais, dialogar com as diferenças e conhecer outros espaços e possibilidades inventivas e expressivas, de modo a ampliar os limites escolares e criar novas formas de interação artística e de produção cultural, sejam elas concretas, sejam elas simbólicas (BRASIL, 2017, p. 196).

O ensino exige cada vez mais o envolvimento tecnológico na prática da sala de aula. O incentivo ao uso de tecnologias veio trazer para a sala de aula um sentido mais atrativo para os alunos. Em relação ao contexto social, vale salientar que quase todas as residências possuem pelo menos um aparelho celular, por isso, sugerido, se possível, tirassem foto junto a família, imprimissem em preto e branco e trouxessem para a aula. Uns trouxeram a foto tirada com a família,

outros, individualmente na própria escola. O incentivo da foto com a família foi no intuito de aproximar a mesma com o aluno, uma vez que a ausência afetiva dos pais no cotidiano dos alunos era relatada com frequência na sala de aula.

A memória do cotidiano registrada com a foto fez com que o aluno pudesse compará-la umas com outras. A aula gerou interação e, desde então, as histórias de cada um vêm sendo contadas desde que os primeiros “flashes” foram ligados.

Nesse contexto, o trabalho com a imagem permite ao aluno uma melhor compreensão temporal e herança cultural. Segundo Jorge Larrosa, “a palavra experiência vem do latim *experiri*, provar. A experiência é, em primeiro lugar, um encontro ou uma relação com algo que se experimenta que se prova” (2004, p. 161). Larrosa aproxima a palavra experiência através do experimento, da prova em si. Assim sendo, o trabalho com imagens criou condições para que o aluno pudesse experimentar o contato com as diversidades de materialidades que resultaram em produções inventivas e expressivas em arte.

METODOLOGIA: OFICINA COM GRAVURAS E O USO DO RECURSO DIGITAL

As atividades realizadas durante a execução deste trabalho tiveram abordagem com o uso de gravuras, visto que os alunos na faixa etária de nove anos têm bastante interesse com desenhos, figurinhas, imagens e outros. Minha turma era composta de vinte e seis alunos, sendo que a maioria possuía algum tipo de dificuldade de aprendizagem, déficits de atenção e autismo e, com isso, uma professora de apoio. As aulas sempre tinham que ser condensadas, práticas (manipulação de materiais de preferência) e tomava um tempo sempre maior que das demais turmas, principalmente nas aulas que exigiam maior concentração.

Logo depois que tive noção da técnica de monotipia no curso de Pós Graduação de Artes Visuais na UFMG, surgiu a ideia de levar essa novidade para a minha turma do 4º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual “Pedro Paulo Penido”, no município de Belo Horizonte.

Um das finalidades da aula de Artes foi também mostrar aos alunos as possibilidades de cópias de desenho (monotipia) pois, além de ser versátil, era o que tínhamos à nossa disposição. A atividade propiciou ainda, a melhoria da capacidade de concentração da turma, uma vez que apresentavam bastante necessidade de melhorar o foco.

4.1 Etapas do trabalho

O trabalho foi realizado em quatro etapas: observação, produção, reflexão e apreciação.

a) Observação: No primeiro momento, buscou-se a familiarização dos alunos com a observação das imagens e, para tal, foi preparada a seguinte atividade: mostramos algumas imagens de artistas que possuem obras relacionadas com a xilogravura e monotípias (Marc Chagal, Edgar Degas e Lasar Segall). O artista que a turma mais se identificou foi Lasar Segall e, assim, foram propostos trabalhos práticos de desenhos a partir da ideia aproximada da monotipia. Algumas perguntas foram direcionadas nos momentos de observação: a quem pertence a obra? Como vocês notaram as obras de Lasar Segall? O que vocês sentiram ao perceber a relação que existe entre as obras e os temas atuais? A partir desta questão, deu-se início ao nosso tema de trabalho.

Ao conhecer a intenção do artista, os alunos foram ampliando o leque de suas percepções e a sua bagagem cultural, acrescentando seu repertório aos procedimentos e os pensamentos do artista, intercalando, assim, observações das figuras 3 e 4, acrescidas com as percepções dos alunos ao observar as formas dos desenhos e o contraste de cor bem definido entre o preto e o branco. Nesse sentido, os alunos perceberam que, além da forma dinâmica da observação, foi possível tratar também de temas polêmicos, como a discriminação, a pobreza, a guerra e outros, confirmando, assim, que as temáticas levantadas nas obras de Lasar Segall continuam tão contemporâneas quanto naquele período de 1929.

Relatando sobre a biografia do artista, foi explicado aos alunos o porquê daquelas imagens, uma vez que a obra de Lasar Segall retratou rostos ou pessoas de corpo inteiro e que as obras ainda expressam os problemas sociais da nossa sociedade. Foi solicitado para que olhassem cuidadosamente o que havia em comum entre as obras em relação à técnica usada para a criação e os alunos puderam analisar sobre os tons, e os traços.

Ao abordar a estética das obras, seguiram-se os questionamentos: Quais os elementos visuais que caracterizam o conjunto de obras? De que forma que o artista lidou com as cores? Como o artista lidou com as formas para chamar atenção da sua obra? A observação das obras do artista Lasar Segall foi relevante para a introdução e dar sequência à próxima etapa deste trabalho.

b) Criação: A segunda etapa foi solicitar aos alunos que trouxessem fotos deles com a família para a realização da proposta. Para fazer uma releitura das imagens selecionadas pelos alunos na realização do trabalho foi necessário reeditar as fotos no meu celular através do aplicativo PicsArt (é um editor de fotos, que transforma a imagem de forma estilizada trazendo o efeito das linhas, riscos e sombras). Logo, encontrei o filtro adequado para que as fotos pudessem ser impressas em preto e branco e atenderem à proposta do trabalho.

Figura 8: imagem digital original desfocada



Produção aluno A - Fonte: Fotografia da autora (2018).

Figura 9: Filtro digital – percepção das linhas e luz no desenho



Fonte: Fotografia da autora (2018).

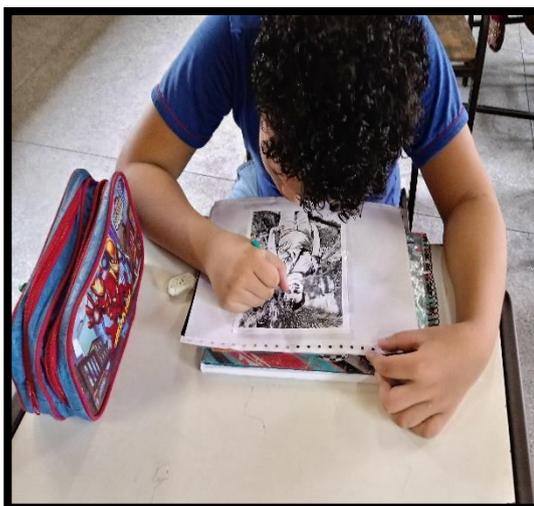
Figura 10: Desenho do Aluno A – menor percepção de sombra, fundo, sombra



Produção aluno A; Fonte: Fotografia da autora (2018).

O uso de papel de formulário contínuo ou papel – contínuo: Descobri, no desenvolvimento deste trabalho, que a escola estava com um certo estoque de “Papel Contínuo” e, juntamente a ele, o papel-carbono, que foi um achado e tanto. Era o necessário para a aula de Arte! O papel-carbono é um material ótimo para trabalhar, pois traz muitas possibilidades de uso (o preto da sua tinta é bem forte). Os alunos puderam, assim, desenhar no papel contínuo.

Figura 11: Momento de concentração



Produção aluno B - Fonte: Fotografia da autora (2018).

Entre as opções de materialidade adquiridas, optei pelo material mais econômico para a realização na sala de aula: carbono, papel-contínuo, lápis, borracha, tesoura, capas de encadernação (sobras de material que havia na escola, usei para emoldurar os trabalhos), estilete (este objeto foi de uso exclusivo por mim, pois oferece risco de machucar) e as fotos (foram tiradas na própria escola ou trazidas de casa pelos alunos).

C) Reflexão: Após ter tirado a fotocópia das imagens, os alunos passaram a fazer comparações entre a imagem original (fig.9) com a imagem passada pelo filtro do aplicativo (fig.10) e ficaram bastante empolgados, até mesmo aqueles alunos que não tinham muito interesse na aula de Arte se contagiaram, faziam as comparações do efeito luz e sombra e o efeito na imagem final. Os alunos ficaram bastante curiosos para saber como que o desenho estava ficando por baixo do carbono e muitas vezes não se continham, levantavam o papel para ver

como estavam ficando a arte. Esta situação, em alguns momentos, levava ao erro do traço e a ter que começar o processo do desenho novamente (surge a necessidade de começar tudo de novo!). Em alguns casos, um ou outro aluno dizia que não sabia fazer ou que não conseguia. Houve a parceria com os colegas da turma, à medida que alguns iam acabando davam apoio para aqueles que tinham dificuldades de realizar a atividade.

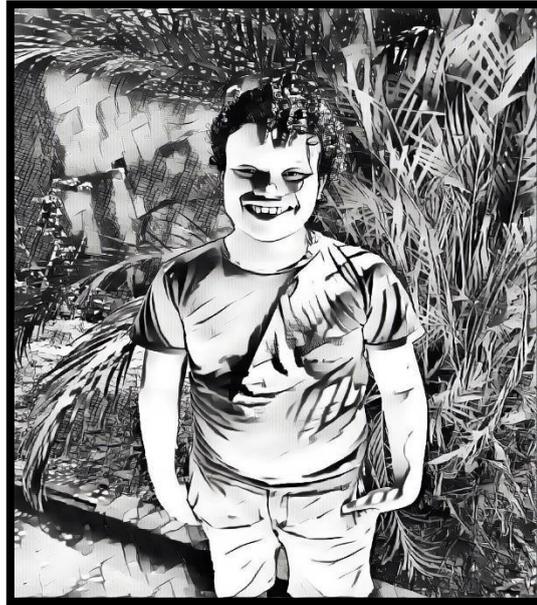
Os resultados dos desenhos trouxeram uma visão dos riscos de uma forma mais ampla que até então não era perceptível a eles (fig.11).

Figura 12: Imagem digital original desfocada



Produção aluno B - Fonte: Fotografia da autora (2018).

Figura 13: filtro digital – Percepção de traços, linha, fundo, luz e sombra



Produção aluno B - Fonte: Fotografia da autora (2018).

Figura 14: Maior percepção do desenho: traços, linha, proporção, sombra, luz -



Produção aluno B - Fonte: Fotografia da autora (2018).

D) Apreciação – A participação coletiva da turma foi bastante positiva, cada um trazendo a sua história, o seu contexto social sendo exposto para toda a escola durante a semana da “Virada da Educação”. O tema escolhido pela turma foi “Ninguém é igual a ninguém”, cuja música de Milton Karam tem o mesmo título.

A prática artística possibilita o compartilhamento de saberes e de produções entre os alunos por meio de exposições, saraus, espetáculos, performances, concertos, recitais, intervenções e outras apresentações e eventos artísticos e culturais, na escola ou em outros locais. Os processos de criação precisam ser compreendidos como tão relevantes quanto os eventuais produtos. Além disso, o compartilhamento das ações artísticas produzidas pelos alunos, em diálogo com seus professores, pode acontecer não apenas em eventos específicos, mas ao longo do ano, sendo parte de um trabalho em processo (BNCC, 2017, p.191).

Para compartilharmos o trabalho executado no espaço da escola, partimos para a estruturação do trabalho. As figuras foram plastificadas para que o trabalho não estragasse. O período da mostra foi durante uma semana para os dois turnos da escola. Para melhorar a estética da apresentação e a duração dos trabalhos, emolduramos em capas de encarnação, riscamos o material de PVC com lápis preto nº2 e cortamos com estilete (com ajuda da professora de apoio).

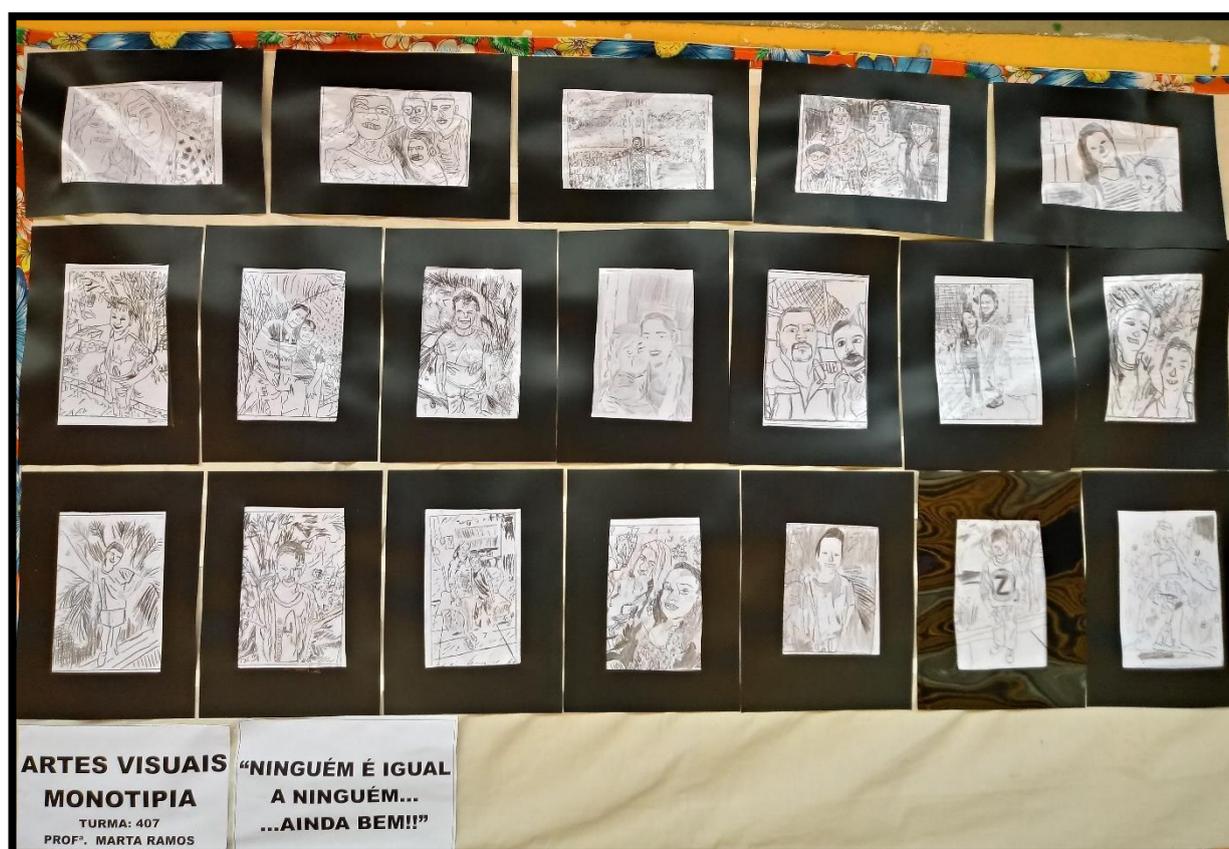
Figura 15: Moldura material de PV



Fonte: Fotografia da autora (2018).

Recebemos um número bem expressivo das famílias dos alunos durante a exposição. A direção e a supervisão da escola deram bastante apoio durante todo o processo do trabalho. As famílias elogiaram e ficaram orgulhosas das produções dos alunos, reforçando, assim, a capacidade e o potencial de aprendizagem dos seus filhos.

Figura 16: Painel da exposição



Fonte: Fotografia da autora (2018).

5. CONCLUSÃO

No decorrer da primeira etapa do trabalho, ao estimular a leitura das imagens de Lasar Segall com os alunos, partindo do princípio das observações, foi a confirmação de que eu estava no caminho certo. A interação com as outras áreas do conhecimento fez com que fizessem sentido as temáticas sobre a guerra, o negro e outras. Realizamos as observações interagindo aos outros conteúdos, facilitando os aspectos de ensino e aprendizagem.

Na segunda etapa do trabalho, foi solicitado aos alunos que trouxessem fotos do aluno com a sua família para o momento de compartilhar e de para fazer a reprodução da imagem. Este momento foi marcado pelas dificuldades que a maioria dos alunos teve para a realização desta etapa e, em contrapartida, os que trouxeram a foto de casa puderam mostrar a sua família para os seus colegas com muita empolgação.

Todos os alunos, dentro de sua capacidade, a seu modo, desenvolveram a oficina de gravura correspondendo aos seus anseios e repetidas vezes pedindo para levar o trabalho para casa (para mostrar aos seus pais). A dificuldade de concentração foi um dos pontos a ser trabalhado. Este tipo de dificuldade, no cotidiano escolar, atrapalha a aprendizagem e esta oficina atendeu também os alunos com TEA (Transtorno do Espectro Autista) com atividade mais atrativa, que prendia a atenção, embora, muitas vezes, eles demonstraram mais interesse com a foto e a história era representada na imagem.

Os materiais selecionados neste trabalho foram escolhidos com o intuito de utilizar o material que já tínhamos na escola, para que os alunos pudessem fazer seus “rascunhos” até chegarem na arte final.

Os momentos de criação possibilitaram aos alunos que fizessem comparações com o trabalho dos demais colegas, achando o resultado tão interessante que queriam repetir o desenho outras vezes ou com outras fotos.

A parceria que os alunos tiveram uns com os outros e a solidariedade com os materiais foi muito importante. Todo esse processo nos leva à compreensão de que o trabalho inacabado permite que busquemos constantemente o ensinar e o aprender, conforme cita Freire, “a presença no mundo não é de quem ele se adapta, mas de quem nele se insere” (2007, p.54). Os desafios vieram, porém os resultados esperados foram alcançados.

Após a realização deste relato de experiência foi possível responder aos objetivos propostos. Os alunos demonstraram envolvimento com o trabalho, desenvolveram competências e habilidades relacionadas à Arte, à História, aos recursos tecnológicos e à leitura e puderam entender o processo artístico com gravura. Rey (2002) ressalta a importância do processo da prática investigativa, numa perspectiva interdisciplinar e saber distinguir sentimentos, sensações, ideias e qualidades.

A metodologia esteve atrelada à pesquisa bibliográfica, que permitiu ser desenvolvida nas etapas de observação, criação, reflexão e apreciação, com o intuito de explorar a linguagem artística baseada nos referenciais teóricos. Assim, foi possível o desenvolvimento deste trabalho, pois a BNCC orienta as habilidades e as competências em Artes Visuais (BRASIL, 2017).

Portanto, a experiência aqui relatada compreende a carência do material básico para o ensino de Arte e a necessidade de se elaborar material de qualidade sala de aula, cujo resultado foi que os alunos apreenderam novos conhecimentos, compreendendo o contexto histórico que permeia o desenvolvimento junto à sociedade por meio da oficina proposta tendo a figura de Lagar Segall como estímulo no ensino-aprendizagem, reforçada na proposta triangular de contribuir para o ensino mais dinâmico e interligado, desenvolvendo, assim, a autonomia do aluno.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. *A importância da imagem no ensino da Arte: Diferentes metodologias*. Disponível em: www.repep.ffe.usp.br/sites/repep.ffe.usp.br/files/Ensino%20da%20Arte%20BARBOSA_A.pdf. Acesso em: 31/01/2020.p.44.

_____. *A imagem no ensino da arte*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

BRASIL, Biblioteca Nacional digital. *Gravura*. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/dossies/rede-da-memoria-virtual-brasileira/artes/gravura/>> Acesso em: 17/12/2019.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Brasília: MEC. 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 10 de set.2019. pág.195.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Brasília: MEC. 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 10 de set.2019.pág .196.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 35 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007. (Coleção Leitura).

INFOART/SP. *Pinturas- desenhos- gravuras e esculturas*. Disponível em: <<https://infoartsp.com.br>. Acesso em> 10/01/2020.

LARROSA, BONDÍA. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Revista Brasileira de Educação, jan/ fev/mar/abr2002,n.19, p.20- 28. Disponível em: <http://www.scielo.br/sphp?script=sci_arttext&pid=S141324782002000100003&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 17/08/2019.

MADURO Clébio; PIMENTEL, Lucia Gouvêa. *Monotipia e impressão*. In Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais. Vol.2. Belo Horizonte: EBA/UFMG, 2008, p.1-8

MENDES, Museu de Arte. *A gravura de Lasar Segall. A gravura humana é tema central da exposição*. Disponível em: < <http://www.museudeartemurilomendes.com.br/noticias/a-gravura-de-lasar-segall-figura-humana-e-tema-central-de-exposicao/>. Acesso em: 10/01/2020.

PANEK, Bernadete Maria. *A contemporaneidade da gravura em discussão*. 1998; 0 f; Monografia;(Aperfeiçoamento/Especialização em História da Arte) – Paraná. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/dossies/rede-da-memoria-virtual-brasileira/artes/gravura/>> Acesso em: 25 de abr.2018.

PIAGET, Jean. *A formação do símbolo na criança: Imitação e jogo, sonho. Imagem e representação*. 2º ed. Rio de Janeiro. zhar. 1975.

REY, Sandra. *Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais*. In BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (Org.) O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: E. Universidade/UFRGS, 2002. p.123-140.

ANEXO

	<p>ESCOLA ESTADUAL "PEDRO PAULO PENIDO" Decreto de Criação Nº 010395 – "MG": 08/03/67 Ensino Fundamental / 09 Anos (Anos Iniciais) Rua Ronan Soares, 40 – Bairro Floramar CEP.31.840-380 / Tel: 3434-6810 Belo Horizonte – Minas Gerais</p>
---	--

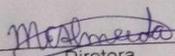
AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Em nome da Escola Estadual "Pedro Paulo Penido", situado à Rua Renan Soares nº 40, autorizamos Marta Ramos da Silva, RG M6499063 e CPF 00763849693 utilizar imagens das instalações do prédio da Escola Estadual Pedro Paulo Penido Penido, em sua monografia de Trabalho de Conclusão Curso.

Marta Ramos da Silva se compromete a não autorizar para terceiros a utilização da imagem deste contrato, bem como a utilizá-las exclusivamente em trabalhos acadêmicos, declarando os devidos créditos.

Marta Ramos Silva se compromete, ainda, a usar as imagens de forma a não denegrir a imagem da instituição.

Belo Horizonte, 16 de dezembro de 2019.


Diretora
Escola Estadual Pedro Paulo Penido

Maria Evanilde de Almeida
VCE-DIRETORA - INSP. 340284-9
ATO Nº 161/2019 - 16/12/2019

De acordo
Marta Ramos da Silva
